

TRINHA Livre

À Biblioteca Pública de
Braga

29
JANEIRO
1972

SEMÁNARIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Até em San Marino...

— Nem sempre serão assunto de comentário as grandes potências e as super-potências, nas suas eternas rivalidades.

Talvez, por isso, ou seja perdoado, se lançar uma rápida vista de olhos pelos micro-Estados europeus no que estes, na verdade, têm de curioso — e de instrutivo... mesmo deixando por agora de lado a ilha de Malta.

Quem sabe, por exemplo, que Pompidou, como Presidente da República Francesa, é, dos Chefes de Estado europeus o último senhor feudal, como suzerano dos Sete Vales de Andorra, suzerania que reparte, aliás, com o Bispo espanhol de Urgel e que os Presidentes da República herdaram dos Reis de França, que por sua vez a haviam herdado, por Henrique IV, da Casa Real de Navarra?

E quem sabe que a chamada Europa dos Sete — a Europa da EFTA — foi, na realidade, constituída, desde o início, por oito Estados, pois que a Associação Europeia de Comércio Livre

sempre participou, lado a lado com a Inglaterra, a Suécia, a Noruega, a Dinamarca, a Austria, Suíça e Portugal, o minúsculo principado de Liechtenstein, em consequência da sua união aduaneira com a Confederação Helvética?

San Marino, por sua vez, orgulha-se de ser a mais antiga democracia do mundo...

Situada nos Apeninos, rodeada da Itália por todos os lados e protegida das invasões por uma cortina de penhascos, parece, com efeito, que a microscópica República foi fundada no século IV por uma pequena comunidade cristã... tão pobre que jamais ao longo dos séculos, suscitou a cobiça e os desejos de anexação de quem quer que fosse.

Os que iam chegando no lento decurso da história ali se demoraram e a população de San Marino (16.000 almas) depressa tem de cada vez recuperado a sua independência, as instituições que datam de há 1.600 anos e a sua paz, entre os vinhedos que produzem um vinho

(Continua na 4.ª página)

DO CANADÁ

Carta Circular a Todas as Organizações Portuguesas

Esta tem por fim de informar os nossos organismos de utilidade para a comunidade portuguesa de Montreal, que no dia 28 deste mês de Janeiro de 1972 teve início um programa de televisão em português.

Este programa, designado «REFLETS du PORTUGAL» vai principiar com 30 minutos uma vez por semana às 6.ªs feiras 8,30 da noite no (canal 9 National Cablevision) animado por Manuel Teixeira.

Esta emissão, tem como objectivo interessar os portugueses e servir graciosamente todas as instituições de utilidade para a nossa tão prestigiosa comunidade.

Se a vossa instituição deseja que seja transmitida qualquer notícia aos portugueses na nossa emissão, podem Vas. Exas. comunicar com o responsável do programa até à 5.ª feira de cada semana.

N. B.

Logo que nos seja possível, iremos junto de Vas. Exas. para se organizar uma emissão dedicada à vossa instituição.

Para mais informações, queiram fazer o favor de telefonar para Manuel Teixeira, Telef. 521-5423 ou escrever para 1990 rue Palardeau Montreal 133.

Com os melhores cumprimentos

Manuel Teixeira

Centro de Saúde de Amares

Estiveram de visita ao Centro de Saúde deste concelho, inteirando-se do seu funcionamento, os senhores D. António de Sales Guimarães Pestana da Silva, Director Distrital de Saúde, que era acompanhado pelo senhor Dr. António de Simas Santos e D. Elsa do Vale Machado, respectivamente Inspector dos Centros de Saúde e enfermeira Regional. Aquelas ilustres individualidades, que tanto se interessaram pela sua criação e funcionamento, foram recebidas pelo senhor Dr. Eleutério Gonçalves Macedo, Delegado de saúde de 2.ª classe e Director do Centro de Saúde concelhio, bem como pelas enfermeiras e restante pessoal ali em serviço.

Depois de percorrer todas as dependências, trocaram impressões acerca do seu funcionamento, tendo sido tratados problemas do maior interesse para a saúde pública do nosso concelho.

A este importante melhoramento, muito se fica a dever a acção dinamizadora dos senhores Drs. Pestana da Silva e Simas Santos, bem como da colaboração e compreensão da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, no sentido de facilitar a instalação daqueles serviços, no seu edifício Hospitalar, recentemente construído.

Visita ilustre

No passado domingo tivemos o prazer de cumprimentar o nosso ilustre colaborador Senhor Militão Porto, Jornalista, e desde sempre amigo desinteressado deste «Semanário» a quem desde os primórdios sempre deu a sua imperecível e útil colaboração.

Foi curta a sua estadia entre nós, já que se dirigia para o Restaurante Abadia, (?) e iam sendo horas do almoço.

Da nossa parte, gratos pela visita, com o desejo de que continue a ser o amigo e colaborador maior deste «Semanário».

A Redacção

Dos falhados

não reza a história

Quem tem que viver do seu trabalho, já que o privilégio de se nascer rico é pertença de uma minoria, terá que procurar prever e prover às necessidades do dia-a-dia com cautela, honestidade e muitas canseiras. Além disso, pessoas há que sempre se habituaram ao trabalho honesto e sério e por razões de vária ordem, tornaram-se, ao longo dos anos, pessoas inconformadas, sempre ávidas de fazer mais e melhor, sem contudo olharem àqueles que os rodeiam, alguns deles instalados num «dolce far niente» duma vida calma, usufruindo de benefícios, que por mérito (?) ou sem ele chegaram.

Porém, sempre que aparece alguém, inconformado com a rotina diária, que procura fazer mais e diferente, o que não quer dizer que faça melhor e às vezes até faz, surgem clamores, críticas e move-se toda uma força oculta para fazer escorregar o tal indivíduo que tem a «mania» que está protegido, que no fundo é necessário eliminar, não porque lhe não seja reconhecido valor, mas tão somente porque é um elemento que incomoda, que não cala e que não se deixa vencer com facilidade, até porque nada tem que lhe possa ser apontado com verdade.

Os tais indivíduos, em boa parte falhados, porqu sempre aspiraram a situações para as quais nunca tiveram mérito

Feira Franca e Concurso Pecuário

É já no próximo dia 6 de Fevereiro que, no Largo de D. Gualdim Pais, nesta vila, se realiza a tradicional Feira Franca e Concurso Pecuário.

Espera-se que a Lavoura Concelhia acorra a este certame agrícola com honrosa representação de maneira a zelar as tradições da Feira e o nome do Concelho.

A relação dos prémios e respectivo regulamento serão publicados no próximo número deste Jornal com os esclarecimentos necessários ao bom andamento.

oficialmente reconhecido, vão tramando situações desleais, calúnias e caminhos escorregadios de maneira a poder tolher os movimentos dos que trabalham e do trabalho sério e honesto sempre têm vivido com agrado da maioria das pessoas.

Seja como fôr, os homens não têm valor só pela posição social que ocupam e, na maioria das vezes, as suas excentricidades e sentimentos interiores de falhados que são, variam na razão inversa da posição social que usufruem.

Em relação a indivíduos deste género recordamos sempre a sabedoria popular que para todas as situações tem uma frase apropriada: «Os cães ladram mas a caravana passa».

Paulo Castelão

5.ª COLUNA

Estou cansado. E desolado. Desolado com a maneira como, num tremendo antagonismo a Natureza e o Minho me receberam. O Minho — tome nota Leitor amigo. Depois não venha dizer-me que o título dos meus arrazoados está perfeito. Até está! Que diabo. Então eu convido amigos para irem ver o Minho, apreciar a sua beleza incomparável, amigos que nasceram no Sul, que nunca albergaram no seu íntimo o panorama da neve, que sempre têm vivido sob a abobada celeste do sol a pino, com o frio glacial de 18 graus...

E chego ao Minho, lindo, sobrenatural, na imensidade de uma paisagística de sonho, no esplêndido dia de sol e cor que esteve no passado domingo, dia 23, e não consigo um restaurante, um cardenho, onde nos dêem de comer?

Chegamos a Braga, por volta do meio dia. Às 12 horas ainda não havia e geralmente não há apetite. Seguimos viagem até Amares, a vossa Amares, onde tudo — naturalmente — estava nos

(Continua na 4.ª página)

«Prefiro ser humorista a actor de peças sérias» afirma Raul Solnado, na véspera da estreia do «Tartufo» de Molière

Ficha do entrevistado: nome — Raul Augusto de Almeida Solnado; idade — a mulher e o actor não devem dizer a idade, mas, vá lá, 42 anos; prato predilecto — isso depende da fome; cor — ciclame; passatempo predilecto — não tem; clube — Belenenses; desporto — gosta de ver futebol e praticar equitação; jogador — Eusébio; mulheres — as altas e bonitas.

ENTREVISTA:

- Porque foi adiada a estreia do «Tartufo» no Teatro Villaret?
 —Porque um dos actores adoeceu.
 —Qual o seu papel na peça?
 —O de «Tartufo».
 —Que acha da encenação?
 —Acho que Adolfo Marsillache fez um óptimo trabalho.
 —Qual a peça que mais gostou de interpretar até hoje?
 —Sem dúvida, o «Tartufo». Prefiro ser humorista a actor de peças sérias.
 —Qual o actor e actriz seus preferidos?
 —Catherine Hepburn e Peter O'Toole.
 —Sim, mas portugueses?
 —Tenho vários. É difícil citar nomes...
 —Que foi para si o «Zip-Zip»?
 —Um passo profissional e humano, importante.
 —Económico, também?
 —Nem por isso. Não tive prejuízo, mas também não tive lucro.
 —Pensa repetir a experiência?
 —Não. Acho que a ideia envelheceu.
 —Que recordações tem do nosso Ultramar? Pensa regressar?
 —Extraordinárias. Penso lá ir talvez no próximo ano.
 —E do Brasil?
 —Tenho muitas saudades. Partirei para o Rio de Janeiro no dia 1 de Setembro.
 —Quais as peças que levará?
 —Ainda não sei.
 —Como classifica o momento actual do teatro português?
 —Em crise. Mas não é de agora, pois já vem de há muito.

FALECIMENTO

José Joaquim P. Silva

Faleceu no passado dia 19 do corrente, na sua residência lugar da Aldeia, da freguesia de Prozelo o proprietário sr. José Joaquim Pereira da Silva, que contava 68 anos de idade.

O soudoso extinto deixa na mais profunda dor seu filho José Joaquim Esteves da Silva e família, já sendo viúvo da s.ra D. Alzira da Conceição Esteves (a Zirinha da Seara).

Realizado no dia 21, o funeral foi bastante concorrido, nele se incorporaram pessoas de todas as classes sociais. Paz à sua alma.

À família em luto apresentamos o nosso cartão de profundo pesar.

Os serviços fúnebres estiveram a cargo da «Funerária Costinha» desta vila.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Visado pela Censura

Segundo Domingo do ano A

Salmo Responsorial

Todos:— Eu venho, Senhor, para fazer a Vossa vontade.

Leitor:— Pus toda a minha esperança no Senhor: Ele inclinou-Se e ouviu a minha voz. Pôs na minha boca um cântico novo, um hino de louvor ao nosso Deus.

Todos:— Eu venho, Senhor, para fazer a Vossa vontade.

Leitor:— Vós não quereis sacrifícios, nem Vos agradam as oblações; não pedis holocaustos nem vítimas, mas, abristes, Senhor, os meus ouvidos.

Todos:— Eu venho, Senhor, para fazer a Vossa vontade.

Leitor:— Então clamei:—Aqui estou, Senhor, para fazer a Vossa vontade! Isto eu quero, Senhor meu Deus; a Vossa lei está nas minhas entranhas!

Todos:— Eu venho, Senhor, para fazer a Vossa vontade.

Leitor:— Proclamei a Vossa justiça no meio da grande assembleia. Vós bem sabeis, Senhor, que não fechei os meus lábios.

Programa de TV

A televisão vai apresentar-nos pela primeira vez em Montreal, um programa emitido na nossa língua, através do Canal 9.

E' Animador do programa o Sr. Manuel Teixeira e será apresentado todas as sextas-feiras, das 8,30 às 9,00 da noite, a começar já no dia 28 do corrente mês de Janeiro.

Testemunho pessoal de unidade

Na vida de cada um de nós há lugar para um testemunho pessoal de unidade: é a compreensão, o perdão, a bondade e tudo o mais que possa contribuir para o desaparecimento de barreiras entre nós.

CALAFRIO

(Continuado do número anterior)

não era pessoa para se preocupar com questões, nem mesmo aquelas que diziam respeito às pessoas a seu cargo. A-pesar-de tudo, insisti com a minha interlocutora:

«Garanto-lhe: eu ter-lho-ia dito!»

Compreendeu a minha discriminação.

«E' possível que tenha feito mal. Mas, realmente, tinha medo.

—Medo de quê?

—Do que esse homem poderia ser capaz de fazer. Quint era tão esperto—tão perspicaz!»

Percebi isto melhor ainda, provavelmente, do que deixei perceber.

«Não tinha medo de mais nada? Não temia a influência dele...?»

—A influência dêie?» repetiu ela com uma expressão angustiada, e ficou-se à espera, enquanto eu hesitava.

«Sobre aquelas inocentes e preciosas vidas. Era a senhora a responsável por elas.

—Não, não era eu!» replicou ela, franca e desditosa: «O patrão confiava nêle e colocou-o aqui, parece, por êle não andar bem de saúde e o ar destes sítios lhe ser favorável. Por isso fazia o que queria. Sim.»—deixou-me ela compreender — «mesmo dêles.

—Dêles—uma tal criatura?» Tive de sufocar uma espécie de gemido. «E a senhora podia consentir tal coisa?

—Não. Não podia... e ainda hoje mesmo o não posso!» E a pobre mulher rompeu em pranto.

Como disse, os pequenos foram submetidos a uma apurada vigilância a partir do dia seguinte; quantas vezes, porém, e com que paixão, voltámos ao assunto durante uma semana! Por mais que tivéssemos discutido o assunto naquele domingo à noite, nas horas que imediatamente se seguiram — imagine-se o que eu havia de ter dormido — continuei a ser perseguida pela sombra de qualquer coisa que ela me não dissera. Eu não lhe tinha ocultado coisa alguma, mas uma palavra havia que Mrs. Grose me escondera. Aliás, eu estava persuadida pela manhã que ela o não fizera por falta de franqueza, mas por haver medos por todos os lados. Afigurava-se-me, retrospectivamente

na verdade, que, quando o sol do dia seguinte fôsse alto, eu leria sossegadamente nos factos passados quasi todo o significado que eles iriam receber de subsequentes e mais cruéis ocorrências. O que eles me davam, acima de tudo, era a horrível figura do homem vivo—a do morto, entretanto, esperaria—e dos meses que ele tinha passado continuamente em Bly, os quais, adicionados, constituíam uma formidável temporada. O fim desses maus dias chegara apenas quando na madrugada de um dia de inverno Peter Quint fôra encontrado morto na estrada da aldeia por um lavrador que ia para o trabalho: fôra um desastre; desastre explicável — superficialmente, pelo menos — graças a um ferimento bem distinto que tinha na cabeça; tal ferimento podia ter sido produzido—e assim tinha sido, como finalmente se concluiu—por uma queda fatal ocorrida na escuridão, à saída de uma taberna num declive de gelo, ao seguir um caminho errado, ao fundo do qual jazia prostrado. O declive de gelo, a confusão causada pela noite e o álcool testemunhavam suficientemente o caso — praticamente e depois de muitas investigações e de infundáveis inquéritos a propósito de tudo—mas houvera coisas na sua vida—estranhos passos e perigos, secretas desordens, vícios que não eram simples suspeitas — que teriam explicado muito mais.

Mal sei como pôr a minha história em palavras capazes de ser uma pintura verosímil do meu estado de espirito; mas nesses tempos sentia-me literalmente capaz de encontrar satisfação na extraordinária exaltação heróica requerida na oportunidade. Vejo agora que tinha sido chamada para realizar uma admirável e árdua missão; e havia grandeza em deixar ver—àqueles a quem era devido! — que me fôra possível triunfar num caso onde muitas outras raparigas teriam falhado. Era uma imensa aluda para mim—confesso que, quando olho para trás, me elogio a mim própria!—o facto de eu encarar a minha tarefa como sendo ao mesmo tempo tão importante e tão simples. Eu estava ali para proteger e defender as crianças mais abandonadas e mais adoráveis dêste mundo, as crianças cujo desesperado apêlo apenas se havia transformado de um momento para outro tão explicitamente a dor profunda e constante dos nossos conjurados corações. Nós estávamos realmente as duas isoladas; estávamos juntas perante o mesmo perigo. Elas apenas me tinham a mim e eu—sim, eu—tinhas-as a elas. Isto era, enfim, uma sorte magnífica. E esta sorte apresentava-se-me sob uma imagem ricamente material. Eu era uma espécie de anteparo—era para estar diante delas. Quanto mais eu visse, menos elas veriam. Príncipei a vigiá-las, com grande esforço, numa dissimulada excitação, que, se se prolongasse por muito tempo, poderia muito bem acabar em qualquer coisa parecida com a loucura. O que

«Continua no próximo número»

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Sentido das realidades

Sem autoridade nenhum país pode ter uma sociedade bem organizada. A disciplina é exigente, tanto para quem a administra como para quem tem de obdecer, não ao homem, mas às normas reguladas por disposições legais que esse homem tem de fazer cumprir.

A desobediência é o sinónimo de insubordinação que pode ser involuntária ocasionada por factores de vária ordem exigindo para isso o conhecimento perfeito da causa e das medidas a tomar. O infortúnio não faz recuar os pálicos terrores das vítimas que vagueiam à espera da hora da recuperação. A missão do disciplinador é também psicológica.

Ainda aparecem, embora com pouca frequência notícias nos jornais a dizer que a mendicidade deslustra os nossos pergaminhos religiosos e civis, o que não é de admitir pela contradição de princípios e do seu descrédito perante quem nos visita crente nas maravilhas paisagísticas, climatéricas e sociais.

A mendicidade não sendo um defeito é uma má qualidade de carácter de quem não concorre para a banir das feiras, das romarias e das ruas das cidades e vilas de Portugal. O mendigo cumpre a missão de necessidade comprometendo o seu semelhante que o pode salvar dessa situação, já que a Doutrina é só para rezar na Igreja de Cristo para quem vai, pelo menos, à missa dominical, venham outras doutrinas dar o remédio a um mal que o Filho de Deus não consegue extirpar da alma de tantos filhos esquecidos dos seus deveres. São filhos que, por insubordinação, precisam de um estudo psicológico para ver o que é preciso fazer para lhes curar a doença por aí conhecida por usura.

Amares pode gabar-se de ver quase extinta a mendicidade. Percorre-se todo o concelho em dias de romarias ou feiras e não se vêm desses quadros desoladores que eram permitidos ou tolerados nas peregrinações ao Bom Jesus e na Romaria de São Torcato. Nestas duas últimas, em tempos já recuados, parecia maior o número de mendigos do que deromeiros. Gritos lancinantes e mazelas físicas verdadeiros ou simulados davam para um filme de grande metragem e por sorte nunca por lá passou nenhum turista com máquina de filmar uma paisa-

gem que tanto comprometia a beleza dos santuários da sua paisagem e das autoridades que não reprimiam esses abusos nem tomavam providências para acabar com o espectáculo que, agora se o não vemos extinto, quasi se não dá pela sua existência nesses locais que são verdadeiras celebridades históricas a honrar a Igreja e o talento arquitectónico. Neste capítulo também as nossas autoridades merecem louvores porque tem tomado a sério um problema que nunca devia ter existido e veio provar mais uma vez que a disciplina social é jovem porque faz no próximo 28 de Maio quarenta e seis anos. Finalmente o Marechal Gomes da Costa e os governos seguintes viram se gregos para compor e recompor os farrapos legados por quem abusou da liberdade que é como vento com rajadas destruidoras. Vade in pace.

Grémio da Lavoura

A nova gerência mantém a honrosa tradição realizando no próximo dia 6 de Fevereiro uma Feira Franca e um Concurso Pecuário para mostrar o valor dos homens que ainda lutam pela sobrevivência da lavoura e da pecuária. Vários prémios serão distribuídos aos expositores. Fazemos votos pelo sucesso e também para que surjam medidas capazes de evitar a ruína da sociedade pecuária.

Caixa Crédito Agrícola

Esta válida Instituição que tanto tem concorrido para auxílio indirecto aos sócios agricultores que precisam de dinheiro a um juro baixo em relação ao que se pratica, permitido por diploma legal, convocou uma reunião dos sócios como sempre tem feito anualmente, para dar satisfação dos seus actos da gerência do ano pretérito. O dia 29 do corrente foi o designado na convocatória e do Presidente da Direcção se espera a mesma clareza e rectidão que tem sido o seu lema desde a fundação do organismo que tem concorrido para resolver as dificuldades dos muitos associados que lá estarão nesse dia para tributar a sua gratidão a quem com tanto apuro tem zelado os interesses que ao

Leia,

Propague e assine

Tribuna Livre

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Na próxima terça-feira, dia 1, passa o aniversário do Ex.mo Sr. Dr. Frederico Pedrosa Colona e o sr. Júlio Pereira.

No dia 2, a Ex.ma Senhora D. Cândida Pedrosa Colona.

No dia 4 o sr. António dos Santos Freitas.

Tribuna Livre, felicita todos os aniversariantes e faz votos de longa vida.

Do Ultramar

Terminado o Serviço Militar com a missão em terras Moçambicanas, regressou ao nosso convívio, o sr. João Paulo de Macedo, filho desta terra, oriundo de uma família bem conhecida.

Por este facto foi celebrada em acção de graças, na Igreja Matriz, um serviço religioso.

As nossas congratulações pelo feliz regresso.

José Joaquim P. Silva Agradecimento

Na impossibilidade de o fazer pessoalmente como seria seu desejo, a família do saudoso extinto vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se incorporaram no seu funeral e assistiram aos actos religiosos que em sufrágio da sua alma foram celebrados, ou de qualquer forma manifestaram o seu pesar, por tudo se confessando reconhecidamente grata

A FAMÍLIA

Estado compete defender porque é dessa fonte que vem o alívio e a tranquilidade sem exigências nem favores a recompensar.

Pela Misericórdia

A visita anunciada ao Distrito pelo Ministro da Saúde e assistência Dr. Rebelo de Sousa, inclui Amares no programa e é a Misericórdia o alvo a atingir. É de esperar que a inauguração do Hospital esteja próxima o que ficaremos a saber depois da visita do ilustre Homem Público e amigo desta terra como já disse deus provas.

Elísio Gonçalves

As minhas filhas

Dormem, enquanto penso, estudo e velo;
sinto-lhes perto o coração bater.
Anjos do lar, o seu viver singelo,
suas virtudes são o meu prazer.

Se é grande o meu anseio e o meu anelo
por quanto diz respeito ao seu viver,
também o seu carinho e o seu desvelo
são bálsamo e alívio ao meu sofrer.

Vida serena, honesta, doce e calma!...
Têm aqui as raízes da sua alma;
fóra daqui nada as seduz e atrai.

Velho muro, arrazado pelas dores,
êles ornam de pânpanos e flores,
e ungem de amor o coração dum pai!

Cinco anos

Fosses tu pequenina eternamente!
Botão de flor que o sol jámais crestasse
Fonte pura e fresquinha, que manasse
A refrescar a minha febre ardente.

Que o mundo fosse um globo transparente
Que um anjo, na mãozinha, te mostrasse...
É róseo e linda como a tua face,
Nunca a vida te fosse uma torrente!

Torrente caudalosa e misteriosa,
A gemer, a ulular turva e sombria,
Rolando as nossas lágrimas de dor...

Tivesses sempre a graça duma rosa,
E alegre como a luz, nascendo o dia,
E sempre pequenina, meu amor!

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Hospital da Misericórdia	62174
Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.M.ta)	62163
Bombeiros Voluntários	62162

Se fôr aos Jogos Olímpicos não levarei a «Gitana» — afirma o cavaleiro Francisco Caldeira

— O hipismo alcançou este ano em Portugal um número maior de entusiastas. Para isso contribuíram as transmissões directas da Televisão e o número de provas nacionais e internacionais. Mas foi a «Gitana» que levantou a grande celeuma. A sua partida para o estrangeiro tida quase como certa, a intervenção da Federação e o facto de continuar em Portugal foram assuntos que apaixonaram a opinião pública. Muita tinta já correu à volta do problema e até à própria «Gitana» se pronunciou sobre ele numa recente entrevista concedida pelo animal ao jornalista Fernando Pessa para o TV-7... Aliás as suas respostas foram concretas e não deixaram margem para dúvidas... Resolvemos, por isso, falar com o seu primeiro dono, o cavaleiro Francisco Caldeira. Nasceu em Elvas há 23 anos e estudou na Escola Agrícola de Évora. Ali fez parte de grupo de forçados. Agora encontra-se em Lisboa e treina diariamente (cerca de 5 horas) no picadeiro da Sociedade Hípica. Foi aí que o encontramos:

Francisco Caldeira e a sua vida de cavaleiro

— Como aconteceu o hipismo na sua vida?
— Muito simplesmente. O meu pai sempre teve e montou cavalos. A partir dos três anos comecei a fazer hipismo e desde então nunca mais deixei de o fazer.

— Quanto a si, quais as qualidades que deve ter um cavaleiro?

— Primeiro, gostar muito de cavalos; depois ter espírito de sacrifício, um pouco de habilidade e muita experiência.

— E um bom cavalo?

— Claro. E tem de ser generoso, possuir poder e elasticidade, habilidade natural para saltar e sobretudo gostar de saltar.

Seguidamente, falou-se em competições e resultados:

— Comecei a entrar em provas aos nove anos. Nunca fui campeão nacional, mas obtive uma vez o segundo lugar no campeonato de júniores e um terceiro e quarto no de seniores. A minha primeira participação em provas internacionais verificou-se no Concurso Internacional de Vigo. Entrei ainda em outras provas, «prémios» e torneios. Recentemente, montando a «Gitana», obtive o primeiro lugar na «Taça dos Vencedores», em 1971.

É a «Gitana», como não podia deixar de ser, logo foi promovida a tema de entrevista:

— A «Gitana» é uma égua de meio sangue inglês e que sempre nos pertenceu.

— Então porque a vendeu?

— Para podermos comprar novos cavalos, temos que vender outros.

— Mas você continua a montar a «Gitana», mesmo não sendo sua?

— Sim. Depois de ter decidida a sua permanência no nosso país, a pessoa mais indicada para a montar seria eu, porque tenho sempre lidado com ela.

— Acha que o hipismo é um desporto para privilegiados?

— De maneira alguma. Repare que acabo de dizer que estou a montar uma égua que não é minha. Ora, se isso acontece comigo, poderia acontecer com muitos outros cavaleiros. Haveria ainda a hipótese da publicidade.

— Publicidade?

— Exactamente. Como fazem no estrangeiro. Uma fábrica ou uma companhia adquirem um cavalo e põem-lhe o seu nome. É uma forma de propaganda como qualquer outra e um valioso auxílio para o desporto.

— Tem mais cavalos? Quais são?

— Tenho o «Ataus», o «Rapsódia», o «Hawai», o «Impar» e o «Grão Senhor».

O Hipismo Português em Munique?

Os Jogos Olímpicos aproximam-se. Presença ou ausência portuguesa nesta modalidade? Tentamos averiguar. Respondeu-nos:

— Ainda nada se sabe de concreto. No entanto, se lá formos, será apenas para marcar presença, tendo em conta as nossas poucas possibilidades em montadas e mesmo em cavaleiros.

— Levava a «Gitana»? — perguntamos.

— Não. Se fosse, levava o «Grão Senhor».

— A «Gitana» não ia? — E admiramo-nos...

— Não. Essa égua é um animal que ganha, mas dentro do limite das suas possibilidades.

— Qual foi até hoje a sua maior alegria no campo do hipismo?

ATÉ EM SAN MARINO...

(Continuado da 1.ª página)

agradavelmente acidulado e os pomares onde, aquecidas pelos tépidos ventos que sopram do Adriático, amadurecem excelentes maçãs.

Com a segunda guerra mundial, estiveram ali os alemães. Depois, com a derrota alemã, a República de San Marino viu-se ocupada por um bando de irrequietos «partigiani» comunistas. E estes chegaram mesmo a pensar em fazer da venerável San Marino um enclave marxista na Itália cristã-democrática. Mas o território era tão reduzido, a população era tão avessa a aventuras, a economia tão escassa de recursos, a colheita do vinho tão magra, que até os comunistas desistiram — e San Marino tornou a ser uma democracia.

Desde então a República não voltou a ser invadida

senão todos os anos, no verão, pelos turistas — e graças a estes, e a sucessivas emissões de selos, sobre as quais se precipitam, gulosos, os filatelistas de todo o mundo, a prosperidade reina actualmente entre as torres e muralhas da mais antiga democracia do mundo, onde os regentes (dois) são eleitos de seis em seis meses — e os ministros são também objecto de eleição, da parte do Grande Conselho Geral da República.

Pois San Marino atravessa presentemente uma grave crise política e tudo leva a crer que mesmo a democracia mais antiga do mundo deixou de funcionar satisfatoriamente.

É que os 16.000 cidadãos da República de San Marino deram-se ao luxo de ter quase tantos partidos políticos quantos há na Itália e por

sinal com os mesmos nomes. Há um Partido Comunista. Haverá dois ou três Partidos Socialistas. E há, evidentemente, a inevitável Democracia Cristã, com as suas também inevitáveis duas alas: a esquerdista e a das direitas. Ora o sr. Bigi, que era o Secretário de Estado para os negócios estrangeiros desde há 14 anos e que é democrata-cristão das esquerdas, demitiu-se agora, em sinal de protesto contra o facto de ter caído o partido nas mãos dos democratas-cristãos das direitas. E assim se desencadeou a tempestade no até mais sereno dos céus, havendo mesmo quem preveja que seja tão difícil eleger na pequeníssima República de San Marino o novo Secretário de Estado para os negócios estrangeiros como difícil foi eleger, na Itália, o Presidente da República.

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

seus lares a almoçar. É evidente — embora não tivesse indagado — que Amares não tem restaurante para podermos seis pessoas saborear qualquer petisco capaz. Terá? E digo que não tem porque na Senhora da Abadia, onde me tinham informado comer-se muito bem e com sabor primoroso, encontrei uma pleiade de «brancos» sem delicadeza, a almoçarem numa amálgama de quem não podia e até nem saberia dar guarida a seis turistas (passe o termo) que pretendiam almoçar às 14 horas.

Bem. Tivemos a sorte de apreciar o célebre monumento, bastante deteriorado e nada restaurado. Restaurado havia, e há, sim, senhor! Mas é a capela dos milagres. Isto é onde se compram os variados votos para a Santa. Aí sim. Não está nada mau na aparência. Quanto ao resto... Temos conversado.

Para encurtar razões (eu até a tenho!) seguimos ao Gerez. Aonde havia de comer? Pois sim. Ninguém servia. Era domingo. Tudo estava fechado e valeu-nos um café onde petiscamos umas sandes, a fim de evitar a congestão de fraqueza que se aproximava...

Não há dúvida, leitor, que fiz um figurão perante os homens do Sul. Fiz, talvez por delicadeza deles. Acabaram por concordar que a paisagem é um encanto. Levei-os até à Portela do Homem. E aí foi o delírio. Neve salpicando o verde do Minho, numa deslumbrante visão de aliciante prazer.

Quanto ao resto? Quanto a Turismo. Desta vez nem Tirismo houve. E até à semana, querido amigo.

EME ABRIL

— Sem dúvida, vencer a «Taça dos Vencedores».
— Qual a sua opinião sobre o capitão Pimenta da Gama?
— Considero-o essencialmente um bom concursista. Tem um extraordinário sentido de competição. Deixamos Francisco Caldeira. Ia começar o seu treino.

Opinião do público

Cá fora conversamos ainda com Luís Torres Pereira Neto, estudante, de 19 anos, que também faz hipismo.

— Francisco Caldeira? É um cavaleiro de projecção internacional. Está acima de qualquer definição. Também acho a «Gitana» uma belíssima égua.

Albina Maria Monteiro, de 15 anos, empregada de escritório, disse-nos:

— Nunca ouvi falar na «Gitana»...

— Mas não costuma ver as provas hípias na Televisão?

— Sim, costumo ver, mas não fixei nenhum nome em especial.

Em seguida, conversamos com António Alberto Rosa da Silva, de 19 anos, mandarete:

— Não conheço o Fernando Caldeira. A «Gitana»? Também não. Apenas vejo isso na Televisão de vez em quando. E vejo apenas por ver...

Esmeraldo Monteiro Liberato, condutor de táxi, afirmou-nos:

— Costumo ver o Francisco Caldeira na Televisão.

Apesar de ser ainda muito jovem, acho que tem muitas possibilidades.

— Era a favor ou contra a saída da «Gitana» do nosso país? Que acha da já famosa égua?

— Era contra a saída. Cá faz muita falta. Gosto muito da «Gitana».

Sim, concordamos em absoluto. Perder a «Gitana» significaria empobrecimento de um desporto já muito diminuído em quantidade e qualidade de valores. É de enaltecer por isso a resolução de a reter e de a entregar para treino ao seu amigo, o cavaleiro Francisco Caldeira.



COMPANHIA DE SEGUROS, DOURO,
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:
Miguel Gonçalves Fernandes

Largo D. Gualdim Pais Amares